

O CORPO COMO SUPERFÍCIE DE REVELAÇÃO

O ser humano foi criado para acessar a luz a partir da escuridão, a realidade a partir da irrealidade, o absoluto a partir do relativo, a imortalidade a partir de sua morte. Sua tarefa, bem como seu direito natural, é conseguir “contemplar”. Inclusive, embora não seja assim, com perfeita clareza. Um caminho para esse objetivo consiste em viver em paz com profundidade, atenção transparente e presença pura.

Gisela Zuniga

Calma, respire! São essas as palavras que nos vêm à mente quando nos deparamos com um desafio. Aí já notamos que o corpo incomoda o mundo interior e que por meio de algo não palpável, como a respiração, vamos – aos poucos – fornecendo-lhe algo para se tranquilizar.

Há muitas maneiras de abordar esse tema do corpo e suas revelações metafóricas. Para os taoístas existe o Céu Anterior e o Céu Posterior. O primeiro corresponde àquilo que antecede o nascimento e o segundo o que ocorre após. O nascimento se situa entre esses dois céus: o anterior e o posterior.

No Céu anterior, também chamado Shen Pré Natal está a pré-existência de um indivíduo, há o contato com o infinito e suas múltiplas potencialidades, o caos, essa massa original. Seria como a gota do oceano que traz em si todo o universo das águas. (ODOUL, 2003). Pichon-Rivière se refere a esse momento da gestação como a formação do proto-vínculo. A criança é um receptáculo do que ocorre no corpo da mãe e de tudo que abala ou alegra esse corpo. Vão, nesse processo, construindo já um início de vínculo, de uma maneira bastante interativa e simbiótica.

O Céu Posterior, se conecta a toda experiência pós nascimento, ao mundo do finito, do limitado, no mundo da matéria, recebendo influências sociais, culturais, familiares e estando dentro de uma estrutura mais específica, com determinações materiais. O nascimento é o limiar entre Céu Anterior e Céu Posterior. Nossa vida interior, no entanto, pode ser mais livre que estas limitações.

Parece que oriente e ocidente se ocuparam de formas diferentes desses “céus”, colocando sua ênfase ora num, ora noutro. No entanto, temos que viver recebendo os dois, ainda que de forma inconsciente e trilhar nosso caminho vencendo muitas polaridades, que cada passo e decisão se nos impõe. Podemos, assim, compreender que nossas experiências emocionais não se restringem a experiências no nível psicológico, apenas, mas possuem, simultaneamente, um correlato fisiológico (TAN, 2014).

Na obra *A doença como caminho* (1983) de Dethlefsen e Dahlke, os autores discorrem sobre essa íntima relação entre corpo e mente, ou mais propriamente espírito, e exploram o sentido da doença como uma ocorrência da consciência do ser humano. O corpo pulsante revela um padrão de informação de imagens condensadas.

Não nos cabe, aqui, aprofundar isto, mas só para exemplificar, o anoréxico, já com baixo peso, não se dá conta disso e se pune por comer, se reconhecendo, de forma distorcida, com excesso de peso. Há, portanto, uma imagem interna, percebida por ele como real, bastante alterada em relação ao seu aspecto biológico, externo. Seria como dizer que:

O valor de uma pintura não se baseia na qualidade da tela e das tintas; os componentes da pintura são meros veículos e mediadores de uma ideia, que é a pintura interior do artista. A tela e as tintas possibilitam que o invisível se torne visível, o que de outra forma não seria possível, e são, portanto, a expressão física de um conteúdo metafísico. (DETHELEFSEN; DAHLKE, 1983).

Quando, por exemplo, nos deparamos com situações como doenças, limites entre a vida e a morte podemos descobrir algo distinto do que até então concebíamos (BOLEN, 1996). Seja o que for que esteja errado, desejamos “consertá-lo” a fim de que a doença pare. As doenças que ameaçam a vida “tocam” numa dimensão mais sutil como, por exemplo, a alma. Todo o sentido da vida pode ser questionado.

Vale lembrar que a doença sinaliza os caminhos da cura e, em francês, a palavra que designa doença é *maladie*, ou seja, um mal a dizer (LELOUP, 1998). Uma palavra que não foi dita e por não ter sido dita o sintoma a revela. Como é isso para você, que lê este texto?

Sendo este o VI Encontro do Eros *in Vivo* — Eros e o Contemporâneo e nele abordando o tema **O Corpo como Superfície de Revelação** poderíamos encerrar aqui este texto, mas não o tema, acrescentando que a libido, ou energia da vida, não se restringe à sexualidade, em seu aspecto somático, tão somente. Exemplificando e não fazendo uma apologia do filme *Ninfomaníaca*, de Lars von Trier ou, pelo contrário, um demérito do mesmo, Joe — sua personagem principal — busca ardentemente sentir algo e preencher seu vazio, sua solidão. O seu caminho parece se centrar em experiências do corpo. E nele busca se completar. Para tanto, se coloca em situações, de sexualidade, as mais diversas e contundentes. Não consegue o que busca, da maneira como busca. No entanto, essa libido, energia vital, pode se transformar. Ela pode transitar da paixão à com-paixão e ir muito além para acessar a via da sacralidade da sexualidade o que demanda um longo caminho trabalho interior de natureza espiritual profunda. Como isso pode se dar, caro leitor? Poderíamos refletir sobre o nível da “consciência” no qual esse corpo se aloja... (LELOUP, 1998).